

DO QUADRO-NEGRO ÀS TELAS: DESAFIOS ESCOLARES NA ERA DAS SUBJETIVIDADES CONECTADAS

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-226>

Data de submissão: 21/02/2025

Data de publicação: 21/03/2025

Kleber Ferreira Costa

Dr. Em Letras - UFPA

Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7525-9696>

Nayanne Nayara Torre da Silva

Dra. Em Educação - UFPE

Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7778-0699>

Paulo César Marques de Andrade Santos

Dr. Em Educação - UFBA

Professor Livre-Docente da Universidade de Pernambuco (UPE)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5803-2388>

RESUMO

Este artigo¹ explora a intrincada relação entre a escola, as tecnologias digitais e as transformações nas subjetividades contemporâneas, guiado pelas reflexões de Paula Sibilia. A pesquisa analisa a escola como uma "tecnologia em desuso" diante da incompatibilidade entre suas estruturas tradicionais e as novas formas de ser e aprender dos jovens na era digital. Aborda a "vivência na vitrine" impulsionada pelas redes sociais, examinando seus impactos na autoestima, ansiedade e busca por reconhecimento. Mergulha na transição da subjetividade intro-dirigida para a alter-dirigida, compreendendo a centralidade da conexão e visibilidade. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica, focando nas obras de Sibilia (2008; 2012a; 2012b) que dialogam com a temática, permitindo uma análise aprofundada das questões levantadas. Os resultados revelam a urgência de adaptar a escola, incorporando tecnologias de forma crítica e consciente, valorizando a diversidade, promovendo a autonomia, estimulando a colaboração e incentivando o pensamento crítico e a criatividade. Conclui-se que a escola do século XXI deve formar cidadãos críticos, criativos e engajados, capazes de construir um futuro justo e sustentável. A instituição precisa equilibrar tradição e inovação, conectando-se com o mundo exterior e promovendo um ambiente de acolhimento e transformação. As reflexões de Sibilia oferecem um mapa para navegar no complexo cenário educacional, incentivando a busca por soluções inovadoras e transformadoras que preparem os jovens para os desafios atuais.

Palavras-chave: Educação Digital. Subjetividade Contemporânea. Tecnologia Educacional. Transformação Escolar.

¹ Este tema surgiu das formações continuadas desenvolvidas no PIBID 2024/2025, das práticas de docência conevidas dos subprojetos em alfabetização e letramento digital.

1 INTRODUÇÃO

O século XXI tem sido palco de transformações sociais e tecnológicas de uma magnitude sem precedentes. A velocidade com que novas tecnologias surgem e se disseminam, a crescente interconexão global e as mudanças nos valores e nas formas de organização social têm impactado em todos os aspectos da vida humana, e a educação não é exceção.

A escola, que por séculos se manteve relativamente estável em suas estruturas e práticas, vê-se agora confrontada com a necessidade de se adaptar a um mundo em constante mudança. As tecnologias digitais, em particular, têm desafiado os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem, abrindo novas possibilidades, mas também gerando novos desafios.

A *internet*, os computadores, os *smartphones*, os *tablets*, as redes sociais e outras tecnologias digitais se tornaram onipresentes na vida dos jovens e das crianças. Dados e estatísticas revelam que o uso de tecnologias digitais por essa faixa etária tem crescido exponencialmente nos últimos anos. Segundo pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2021, 93% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos acessam a internet regularmente.

Esses jovens e crianças utilizam as tecnologias digitais para se comunicar, para se informar, para se divertir, para aprender e para se relacionar. As redes sociais, em particular, se tornaram um espaço comum para a construção de suas identidades, para a expressão de suas opiniões e para a participação na vida social. No entanto, o uso intensivo de tecnologias digitais também traz consigo uma série de desafios para a educação. A dispersão da atenção, a superficialidade do conhecimento, o *cyberbullying*, a desinformação e a exposição a conteúdos inadequados são apenas alguns dos problemas que a escola precisa enfrentar.

Diante desse cenário complexo e desafiador, a escola precisa repensar seus modelos e práticas, buscando estratégias que a tornem mais relevante e conectada com as necessidades e anseios dos jovens do século XXI. A adaptação da escola à era digital não se resume à mera incorporação de tecnologias, mas implica uma transformação em sua estrutura, em seu currículo e no papel do professor.

Nesse contexto de transformações e desafios, a obra de Paula Sibilia (2008, 2012^a; 2012b) emerge como uma importante referência para a discussão sobre a relação entre tecnologia, subjetividade e escola. Sibilia, renomada pesquisadora e crítica da cultura atual, oferece uma análise contundente sobre a situação da escola no século XXI, apontando para a necessidade urgente de repensar seus modelos e práticas.

Em suas obras, como "La Intimidad como espectáculo" (2008) e "¿Redes o paredes? La escuela en tiempos de dispersión" (2012), Sibilia argumenta que a escola, tal como a conhecemos, estaria se

tornando uma "tecnologia em desuso", cada vez mais incompatível com as necessidades e os anseios dos jovens da era digital. A autora propõe uma reflexão sobre a relação entre as novas tecnologias, as subjetividades contemporâneas e os desafios enfrentados pela instituição escolar.

Sibilia critica a escola tradicional por sua ênfase na disciplina, na obediência e na transmissão de conteúdos, argumentando que esses modelos não preparam os alunos para os desafios do mercado de trabalho e da vida em sociedade no século XXI. A autora defende a necessidade de criar espaços de aprendizagem mais flexíveis, colaborativos e conectados, que valorizem a diversidade, a criatividade e a autonomia dos alunos.

Além disso, Sibilia alerta para os riscos da "vivência na vitrine" impulsionada pelas redes sociais, argumentando que a exposição excessiva e a comparação constante podem gerar ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental entre os jovens. A autora defende a necessidade de promover a reflexão crítica sobre o uso das redes sociais, ajudando os alunos a desenvolverem uma autoestima mais sólida e independente da aprovação externa.

Sua obra oferece uma análise crítica e provocadora sobre a escola na era digital, apontando para a necessidade urgente de repensar seus modelos e práticas. Suas reflexões nos convidam a questionar as premissas e os valores que sustentam a escola tradicional, incentivando-nos a buscar alternativas que valorizem a diversidade, o pensamento inovador e a capacidade dos estudantes de agirem por conta própria.

Diante do cenário complexo e desafiador delineado anteriormente, emerge a seguinte questão: como as novas tecnologias e as redes sociais estão transformando a forma como os jovens aprendem, se relacionam e constroem suas identidades? E, mais importante ainda, como a escola pode se adaptar a essas mudanças sem perder de vista seus objetivos pedagógicos e seus valores fundamentais?

Acreditamos que essa é uma questão desafiadora para o futuro da educação. A escola não pode ignorar as transformações que estão ocorrendo na sociedade, nem pode se limitar a reproduzir modelos e práticas que já não atendem às necessidades dos alunos. A escola precisa se reinventar, buscando estratégias que a tornem mais relevante, conectada e transformadora.

No entanto, a adaptação da escola à era digital não pode ser feita de forma acrítica e irrefletida. É preciso que a escola mantenha seus valores e objetivos fundamentais, como a promoção da justiça social, a defesa dos direitos humanos e a formação de cidadãos críticos e engajados. A escola não pode se render aos modismos tecnológicos, nem pode se transformar em um mero centro de treinamento para o mercado de trabalho.

A escola precisa encontrar um equilíbrio entre a tradição e a inovação, entre a valorização do conhecimento e o desenvolvimento de novas habilidades, entre a promoção da individualidade e o

incentivo à colaboração. Nessa direção, precisa ser um espaço de acolhimento, de diálogo, de criatividade e de construção de conhecimento, onde os jovens possam se sentir valorizados, respeitados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Diante da complexidade e da relevância dessa questão, o objetivo deste artigo é analisar as reflexões de Paula Sibilia sobre os desafios da escola na era digital, buscando compreender como a escola pode se adaptar às novas tecnologias e às novas formas de subjetividade sem perder de vista seus valores e objetivos.

Para alcançar esse objetivo, o artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. Na segunda seção, analisaremos a escola como tecnologia em desuso, explorando a crítica de Sibilia aos modelos tradicionais de ensino e aprendizagem. Na terceira seção, mergulharemos nas transformações das subjetividades contemporâneas, buscando compreender como os jovens constroem suas identidades na era digital. Na quarta seção, apresentaremos algumas estratégias para uma escola mais relevante no século XXI, explorando alternativas para a transformação do espaço escolar, a atualização do currículo e a mudança no papel do professor. Por fim, nas considerações finais, sintetizaremos os principais pontos abordados no artigo, reafirmando a importância das reflexões de Paula Sibilia para a compreensão dos desafios da escola na era digital e apresentando algumas perspectivas para o futuro da educação.

Acreditamos que este artigo poderá contribuir para o debate sobre a educação na era digital, oferecendo novas perspectivas e incentivando a busca por soluções inovadoras e transformadoras. Esperamos que nossas reflexões possam inspirar educadores, pesquisadores, gestores e demais interessados na construção de uma escola mais relevante, conectada e transformadora, capaz de preparar os jovens para os desafios do século XXI e de contribuir para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

2 A ESCOLA COMO TECNOLOGIA EM DESUSO: A ANÁLISE DE PAULA SIBILIA

Paula Sibilia, renomada pesquisadora e crítica da cultura contemporânea, oferece uma análise sobre a situação da escola no século XXI. Em suas obras, a autora propõe uma reflexão sobre a relação entre as novas tecnologias, as subjetividades atuais e os desafios enfrentados pela instituição escolar. Para Sibilia (2012b), a escola, tal como a conhecemos, estaria se tornando uma "tecnologia em desuso", cada vez mais incompatível com as necessidades e os anseios dos jovens da era digital, o que dialoga com Santomé (2013, p. 19) quando diz que:

Urge uma alfabetização digital que, junto com outros saberes e valores que também são exigidos no sistema educativo para formar novas gerações, permitirá tornar realidade uma educação verdadeiramente integral: humanística, científica, tecnológica, artística e social.

A metáfora da escola como uma tecnologia é central para a compreensão da análise de Sibilia. Ao utilizar esse conceito, a autora nos convida a pensar a escola não como uma instituição atemporal e imutável, mas como um artefato cultural construído em um determinado momento histórico para atender a necessidades específicas. Assim como outras tecnologias, a escola foi criada para resolver problemas e facilitar a vida das pessoas, cumprindo um papel fundamental na organização da sociedade e na formação dos indivíduos.

No contexto da modernidade, a escola surgiu como uma resposta à necessidade de formar cidadãos para os Estados nacionais, trabalhadores para a indústria e consumidores para o mercado. A escola moderna, com sua estrutura hierárquica, suas disciplinas compartmentadas e seus métodos de ensino baseados na transmissão de conteúdos, cumpriu um papel necessário na construção de um determinado tipo de subjetividade, caracterizada pela disciplina, pela obediência e pela valorização do conhecimento racional.

No entanto, Sibilia (2008) argumenta que essa "tecnologia" escolar, que foi tão eficaz em seu tempo, estaria se tornando obsoleta diante das transformações sociais e tecnológicas que marcaram o final do século XX e o início do século XXI. As novas tecnologias da informação e da comunicação, em especial a internet e as redes sociais, estariam transformando a forma como os jovens aprendem, se relacionam e constroem suas identidades, tornando a escola tradicional cada vez menos relevante e atraente.

A escola, que antes detinha o monopólio do conhecimento e da informação, passa a competir com uma infinidade de fontes de informação disponíveis na *internet*. Os jovens, que antes eram meros receptores de conteúdos transmitidos pelos professores, tornam-se produtores e disseminadores de informação, utilizando as redes sociais para se conectar com seus pares, compartilhar experiências e construir suas próprias narrativas.

Diante desse cenário, a escola, com sua estrutura rígida e seus métodos de ensino tradicionais, parece cada vez mais distante da realidade dos jovens, gerando desinteresse, frustração e dificuldades de aprendizagem. Para Sibilia (2012a), é preciso repensar a escola como um todo, adaptando-a às novas tecnologias e às novas formas de subjetividade, para que ela possa continuar cumprindo seu papel fundamental na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A análise de Sibilia sobre a escola como tecnologia em desuso nos leva a outro conceito central em sua obra: a incompatibilidade entre as subjetividades contemporâneas e as estruturas escolares tradicionais. Para a autora, os jovens de hoje, marcados pela fluidez, pela conexão e pela busca por experiências, não se encaixam mais nos modelos rígidos e hierárquicos da escola moderna.

As subjetividades contemporâneas são caracterizadas pela fluidez e pela instabilidade. Os jovens de hoje não se identificam mais com identidades fixas e predefinidas, buscando constantemente novas experiências e novas formas de expressão. Eles valorizam a liberdade, a autonomia e a capacidade de se reinventar a cada momento.

Além disso, essas subjetividades são marcadas pela conexão e pela interatividade. Os jovens de hoje estão constantemente conectados uns aos outros por meio das redes sociais, compartilhando informações, experiências e emoções. Eles valorizam a colaboração, a participação e a capacidade de construir conhecimento de forma coletiva.

No entanto, a escola tradicional, com sua estrutura hierárquica, suas disciplinas compartimentadas e seus métodos de ensino baseados na transmissão de conteúdos, não oferece espaço para a expressão dessas novas formas de subjetividade. A escola, com sua ênfase na disciplina, na obediência e na memorização, parece cada vez mais distante dos interesses e das necessidades dos jovens.

Essa incompatibilidade entre as subjetividades contemporâneas e as estruturas escolares tradicionais gera uma série de problemas. Os jovens se sentem desmotivados e desinteressados, não encontrando sentido no que aprendem na escola. A falta de conexão entre o conteúdo escolar e a realidade dos alunos gera frustração e dificuldades de aprendizagem.

Além disso, a escola tradicional, com sua ênfase na competição e na comparação, contribui para o aumento da ansiedade e da insegurança entre os jovens. A pressão para obter boas notas e para se destacar em relação aos demais gera um ambiente de competição exacerbada, que dificulta a colaboração e a construção de relações saudáveis.

De acordo com Sibilia (2012a), é necessário reestruturar a escola em sua totalidade, estabelecendo ambientes de aprendizado mais adaptáveis, interativos e integrados, que reconheçam e celebrem a pluralidade, fomentem a inventividade e promovam a independência dos estudantes. Nessa perspectiva, é fundamental ajustar as estratégias pedagógicas às modalidades contemporâneas de aquisição de conhecimento, empregando as ferramentas digitais de maneira reflexiva e ponderada, a fim de que a instituição escolar possa retomar sua função essencial na formação dos indivíduos e na edificação de uma sociedade mais equitativa e participativa.

Outro conceito importante na análise de Paula Sibilia (2012b) é a "vivência na vitrine". Para a autora, as redes sociais intensificaram a exposição e a comparação entre os indivíduos, transformando a vida em um espetáculo constante. Os jovens, em particular, estariam cada vez mais preocupados em construir uma imagem positiva de si mesmos nas redes sociais, buscando constantemente a aprovação e o reconhecimento de seus pares.

A "vivência na vitrine" afeta a autoestima, a ansiedade e a busca por reconhecimento dos jovens. A necessidade de se apresentar de forma idealizada nas redes sociais gera uma pressão constante para corresponder a padrões de beleza, sucesso e felicidade que são muitas vezes inatingíveis. A comparação com os outros, que é inerente à vida social, torna-se ainda mais intensa e implacável nas redes sociais, onde as pessoas tendem a mostrar apenas os melhores momentos de suas vidas.

Essa busca incessante por aprovação e reconhecimento pode levar a comportamentos de risco, como a exposição excessiva da vida privada *cyberbullying*, e a busca por *likes* e seguidores a qualquer custo. Além disso, a "vivência na vitrine" pode gerar ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental, especialmente entre os jovens que se sentem incapazes de corresponder às expectativas sociais.

A escola, que sempre teve um papel importante na formação da autoestima e na promoção da saúde mental dos alunos, precisa estar atenta a esses novos desafios. É preciso criar espaços de diálogo e reflexão sobre o uso das redes sociais, ajudando os jovens a desenvolverem uma visão crítica sobre a "vivência na vitrine" e a construírem uma autoestima mais sólida e independente da aprovação externa.

Além disso, a escola pode utilizar as redes sociais de forma pedagógica, promovendo a colaboração, a criatividade e a expressão dos alunos. Ao invés de proibir o uso das redes sociais na escola, é preciso ensinar os jovens a utilizá-las de forma consciente e responsável, transformando-as em ferramentas de aprendizagem e de construção de conhecimento.

3 SUBJETIVIDADES EM TRANSFORMAÇÃO: DA INTROSPECÇÃO À CONEXÃO

Dando continuidade à análise da complexa relação entre a escola e as transformações sociais e tecnológicas, vamos aprofundar a discussão sobre as mudanças nas próprias formas de subjetividade. Paula Sibilia, em suas obras, argumenta que estamos testemunhando uma transição significativa do modelo de subjetividade intro-dirigida, característico da modernidade, para um modelo alter-dirigido, impulsionado pela cultura digital e pela crescente importância da conexão e da visibilidade.

O modelo de subjetividade da modernidade, que floresceu a partir do século XIX, é caracterizado pela introspecção, pela busca por um "eu" interior e pela valorização da individualidade. Esse modelo influenciado pela filosofia iluminista e pelo pensamento romântico enfatiza a importância da razão, da autonomia e da capacidade de se autoconhecer.

A introspecção, entendida como a capacidade de olhar para dentro de si, de refletir sobre seus próprios pensamentos, sentimentos e experiências, era vista como um caminho para a construção de uma identidade autêntica e original. Acreditava-se que, ao se conhecer o indivíduo poderia descobrir sua verdadeira essência e se libertar das influências externas.

A valorização da individualidade, por sua vez, estava intimamente ligada à ideia de que cada ser humano é único e singular, possuindo um conjunto de características e talentos que o diferenciam dos demais. Acreditava-se que a realização pessoal dependia da capacidade de desenvolver esses talentos e de expressar sua individualidade de forma autêntica e original.

A escola tradicional, com sua estrutura hierárquica, suas disciplinas compartmentadas e seus métodos de ensino baseados na transmissão de conteúdos, desempenhou um papel fundamental na formação desse tipo de subjetividade. A ênfase na disciplina, na obediência e na memorização visava moldar indivíduos capazes de controlar seus impulsos, de seguir regras e de se adaptar às exigências da vida social.

Além disso, a escola tradicional, com sua ênfase na competição e na comparação, incentivava os alunos a se destacarem individualmente, a buscarem o sucesso e o reconhecimento por seus próprios méritos. Acreditava-se que, ao se esforçarem para alcançar seus objetivos, os alunos estariam desenvolvendo sua autonomia e sua capacidade de se tornarem indivíduos independentes e bem-sucedidos.

No entanto, Sibilia (2012a) argumenta que esse modelo de subjetividade, que foi tão valorizado na modernidade, estaria entrando em crise diante das transformações sociais e tecnológicas que marcaram o final do século XX e o início do século XXI. A crescente influência da cultura digital e das redes sociais estaria dando origem a novas formas de subjetividade, marcadas pela conexão, pela visibilidade e pela busca por reconhecimento externo.

A subjetividade alter-dirigida, que emerge com força na era digital, é caracterizada pela conexão, pela visibilidade e pela busca por reconhecimento externo. Nesse modelo, a identidade não é mais vista como algo a ser descoberto no interior de si mesmo, mas como algo a ser construído e performado em relação aos outros.

A conexão, entendida como a capacidade de se relacionar com os outros através das redes sociais e das tecnologias digitais, torna-se um valor central. Os jovens de hoje estão constantemente

conectados uns aos outros, compartilhando informações, experiências e emoções. Eles valorizam a colaboração, a participação e a capacidade de construir conhecimento de forma coletiva.

A visibilidade, por sua vez, torna-se um imperativo. Os jovens sentem a necessidade de se exporem nas redes sociais, de mostrarem suas vidas, seus talentos e suas opiniões. Acreditam que, ao se tornarem visíveis, poderão atrair a atenção dos outros, conquistar seguidores e obter o reconhecimento que tanto desejam.

A busca por reconhecimento externo, por sua vez, torna-se uma obsessão. Os jovens estão constantemente preocupados em obter *likes*, comentários e compartilhamentos em suas postagens nas redes sociais. Acreditam que, ao receberem a aprovação dos outros, estarão confirmado seu valor e sua importância.

As redes sociais e as tecnologias digitais desempenham um papel importante na formação desse novo tipo de subjetividade. As redes sociais oferecem, aos jovens, plataformas para se conectar com seus pares, para expressarem suas opiniões e para mostrarem suas vidas. As tecnologias digitais, por sua vez, oferecem aos adolescentes ferramentas para criarem conteúdos, para editarem suas imagens e para se apresentarem da forma que desejam.

No entanto, Sibilia (2012b) adverte que essa nova forma de subjetividade, embora possa parecer mais democrática e inclusiva, também apresenta seus riscos. A busca incessante por reconhecimento externo pode levar à perda da autonomia, à dependência da opinião dos outros e à dificuldade de se relacionar de forma autêntica e genuína.

Além disso, a "vivência na vitrine", como já foi discutido, pode gerar ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental, especialmente entre os jovens que se sentem incapazes de corresponder às expectativas sociais. A comparação constante com os outros, a pressão para se manterem sempre online e a dificuldade de lidar com o cyberbullying podem ter consequências para a saúde mental dos jovens.

Diante desse cenário de transformações nas formas de subjetividade, a escola enfrenta mais um desafio: como ajudar os jovens a desenvolverem um senso de identidade e propósito em um mundo cada vez mais conectado e exposto? Como formar indivíduos autônomos e conscientes, capazes de tomar decisões responsáveis e de construir um futuro mais justo e sustentável? Em Bauman (2005), encontramos esse questionamento quando cita o pensamento de Charles Handy sobre as comunidades virtuais como *ilusões*. Conclui Bauman (2005, p. 31) "Tampouco podem essas comunidades virtuais dar substância à identidade pessoal – a razão básica para procura-las. Pelo contrário, elas tornam mais difícil para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu".

Sibilia (2012b) sustenta que a instituição escolar necessita reconsiderar suas abordagens e metodologias, ajustando-se ao panorama tecnológico atual e às emergentes configurações de individualidade, sem, contudo, abdicar de seus princípios e metas fundamentais. Faz-se imperativo conceber ambientes educacionais mais adaptáveis, participativos e interligados, que promovam a multiplicidade de perspectivas, estimulem o pensamento inovador e fomentem a capacidade de autodirecionamento dos estudantes.

A escola precisa incentivar a reflexão crítica sobre o uso das redes sociais e das tecnologias digitais, ajudando os jovens a desenvolverem uma visão consciente e responsável sobre seus impactos em suas vidas e na sociedade. É preciso ensinar os jovens a protegerem sua privacidade, a lidarem com o *cyberbullying* e a combaterem a desinformação. Neste âmbito, surge a necessidade de flexibilizar o tempo, termo usado por Bauman (2018) para expressar que na modernidade líquida, se faz necessário acolher todas as formas de reconhecimento e identidade do outro, rompendo com o *bullying* e também com o *cyberbullying*.

Além disso, a escola precisa promover o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia, a resiliência, a autoconfiança e a capacidade de se relacionar de forma saudável com os outros. É preciso criar um ambiente escolar acolhedor e seguro, onde os alunos se sintam valorizados, respeitados e apoiados em suas dificuldades.

A escola também precisa valorizar a introspecção e a reflexão crítica, incentivando os alunos a olharem para dentro de si, a se conhecerem melhor e a desenvolverem um senso de propósito e significado em suas vidas. É preciso oferecer aos jovens oportunidades para explorarem seus talentos, para expressarem suas opiniões e para se engajarem em projetos que façam a diferença no mundo.

4 ENTRE REDES E PAREDES: ESTRATÉGIAS PARA UMA ESCOLA MAIS RELEVANTE NO SÉCULO XXI

Diante do cenário complexo e desafiador delineado nas seções anteriores, emerge a necessidade premente de repensar a escola, buscando estratégias que a tornem mais relevante e conectada com as necessidades e anseios dos jovens do século XXI. A adaptação da escola à era digital não se resume à mera incorporação de tecnologias, mas implica uma transformação em sua estrutura, em seu currículo e no papel do professor.

A escola tradicional, com suas salas de aula organizadas em fileiras, seus horários rígidos e seus espaços pouco convidativos, já não atende às necessidades dos alunos da era digital. É preciso transformar o espaço escolar, criando ambientes de aprendizagem mais flexíveis, colaborativos e conectados, que incentivem a criatividade, a experimentação e a troca de ideias.

A flexibilidade do espaço escolar pode ser alcançada através da criação de salas de aula multifuncionais, que possam ser adaptadas para diferentes atividades e formatos de aula. A utilização de mobiliário modular e de divisórias móveis permite que o espaço seja reconfigurado de acordo com as necessidades do momento, incentivando a colaboração e a interação entre os alunos.

A colaboração, por sua vez, pode ser incentivada através da criação de espaços de convivência e de trabalho em grupo, onde os alunos possam se reunir para discutir ideias, realizar projetos e trocar experiências. A biblioteca, por exemplo, pode ser transformada em um centro de recursos multimídia, onde os alunos tenham acesso a livros, revistas, vídeos, softwares e outras ferramentas de aprendizagem.

A conexão, por fim, pode ser promovida através da utilização de tecnologias digitais, como computadores, tablets, smartphones e internet sem fio, que permitem que os alunos acessem informações, se comuniquem com seus pares e com seus professores e colaborem em projetos online. A criação de redes sociais escolares, por exemplo, pode facilitar a comunicação e a interação entre os alunos, promovendo um senso de comunidade e pertencimento.

Existem diversos exemplos de escolas que estão inovando em seus espaços e práticas pedagógicas, criando ambientes de aprendizagem mais flexíveis, colaborativos e conectados. A Escola da Ponte, em Portugal, é um exemplo emblemático de escola que rompeu com os modelos tradicionais, criando um ambiente de aprendizagem onde os alunos são os protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. Na Escola da Ponte, não há salas de aula, horários rígidos ou provas. Os alunos aprendem através de projetos, de pesquisas e de atividades práticas, com o apoio de tutores que os orientam e os incentivam a desenvolverem seus talentos e suas habilidades.

Outro exemplo inspirador é a High Tech High, nos Estados Unidos, uma rede de escolas charter que se destaca pela sua abordagem inovadora e centrada no aluno. Nas High Tech High, os alunos aprendem através de projetos interdisciplinares, que os desafiam a resolverem problemas complexos e a aplicarem seus conhecimentos em situações reais. As escolas da rede também se destacam pela sua arquitetura inovadora, que valoriza a colaboração, a criatividade e a conexão com o mundo exterior.

No Brasil, também existem diversas iniciativas que buscam transformar o espaço escolar, criando ambientes de aprendizagem mais flexíveis, colaborativos e conectados. O Colégio Equipe, em São Paulo, é um exemplo de escola que valoriza a autonomia dos alunos, oferecendo-lhes a possibilidade de escolherem seus próprios horários e de definirem seus próprios projetos de aprendizagem. O colégio também se destaca pela sua infraestrutura inovadora, que inclui laboratórios de informática, estúdios de música e de vídeo, salas de arte e espaços de convivência.

A transformação do espaço escolar é um processo complexo e desafiador, que exige o envolvimento de toda a comunidade escolar. É preciso ouvir os alunos, os professores, os pais e os demais membros da comunidade, para que o espaço escolar seja um reflexo dos seus anseios e das suas necessidades. É preciso investir em infraestrutura, em tecnologia e em formação de professores, para que a escola possa oferecer um ambiente de aprendizagem de qualidade para todos os alunos.

A transformação do espaço escolar deve ser acompanhada por uma atualização do currículo, que precisa ser adaptado às novas necessidades e aos novos desafios do século XXI. O currículo tradicional, focado na transmissão de conteúdos e na memorização de informações, já não prepara os alunos para os desafios do mercado de trabalho e da vida em sociedade.

É preciso incluir no currículo o desenvolvimento de novas competências, como criatividade, pensamento crítico, comunicação e colaboração, que são essenciais para que os jovens possam se destacar em um mundo cada vez mais complexo e competitivo.

A criatividade, entendida como a capacidade de gerar ideias novas e originais, é fundamental para que os jovens possam inovar, empreender e resolver problemas de forma criativa. A escola pode estimular a criatividade dos alunos através da realização de projetos artísticos, da resolução de problemas abertos e da participação em atividades que incentivem a experimentação e a inovação.

O pensamento crítico, por sua vez, é essencial para que os jovens possam analisar informações, avaliar argumentos e tomar decisões conscientes. A escola pode estimular o pensamento crítico dos alunos através da realização de debates, da análise de textos e de imagens e da participação em atividades que incentivem a reflexão e a argumentação.

A comunicação, entendida como a capacidade de se expressar de forma clara, eficaz e persuasiva, é fundamental para que os jovens possam se relacionar com os outros, defender seus pontos de vista e trabalhar em equipe. A escola pode estimular a comunicação dos alunos através da realização de apresentações orais, da produção de textos escritos e da participação em atividades que incentivem o diálogo e a troca de ideias.

A colaboração, por fim, é essencial para que os jovens possam trabalhar em equipe, compartilhar conhecimentos e construir soluções em conjunto. A escola pode estimular a colaboração dos alunos através da realização de projetos em grupo, da participação em atividades que incentivem a cooperação e da criação de espaços de convivência.

Além do desenvolvimento dessas novas competências, é preciso que o currículo escolar seja mais relevante e conectado com a realidade dos alunos. É preciso que os conteúdos escolares sejam contextualizados e relacionados com os problemas e os desafios hodiernos. É preciso que os alunos

tenham a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em situações reais, através da realização de projetos práticos e da participação em atividades que os conectem com a comunidade.

A atualização do currículo escolar é um processo complexo e desafiador, que exige o envolvimento de toda a comunidade escolar. É preciso ouvir os alunos, os professores, os pais e os demais membros da comunidade, para que o currículo escolar seja um reflexo dos seus anseios e das suas necessidades. É preciso investir em formação de professores, para que eles possam desenvolver novas metodologias de ensino e para que possam utilizar as tecnologias digitais de forma crítica e consciente.

A transformação do espaço escolar e a atualização do currículo exigem uma mudança radical no papel do professor. O professor tradicional, que era visto como um transmissor de conteúdos, precisa se transformar em um mediador, um facilitador e um curador de conteúdo.

Para Sibila (2012), o professor mediador é aquele que ajuda os alunos a construam seus próprios conhecimentos, oferecendo-lhes apoio, orientação e *feedback*. O professor mediador não se limita a transmitir informações, mas incentiva os alunos a pesquisarem, a experimentarem e a descobrirem por si mesmos. Já o professor facilitador é aquele que cria um ambiente de aprendizagem estimulante e desafiador, onde os alunos se sintam seguros para correrem riscos, para expressarem suas opiniões e para colaborarem uns com os outros. O professor facilitador não impõe suas ideias, mas incentiva-os a pensarem por si mesmos e a encontrarem suas próprias soluções. O professor curador é aquele que seleciona, organiza e apresenta informações relevantes e confiáveis, ajudando os alunos a navegarem no mar de informações disponíveis na internet. O professor curador de conteúdo não se limita a reproduzir informações, mas analisa criticamente as fontes e oferece aos alunos diferentes perspectivas sobre os temas abordados.

A transformação do papel do professor exige uma mudança na forma como os professores são formados e valorizados. É preciso investir na formação continuada dos professores, oferecendo-lhes oportunidades para desenvolverem novas habilidades e para se manterem atualizados sobre as últimas tendências em educação.

É preciso valorizar os professores, oferecendo-lhes melhores salários, melhores condições de trabalho e mais autonomia para tomarem decisões sobre a sua própria prática. É preciso reconhecer o papel fundamental dos professores na formação das novas gerações e na construção de um futuro mais justo e sustentável.

A transformação da escola em um espaço mais relevante e conectado com as necessidades e anseios dos jovens do século XXI exige uma mudança radical em sua estrutura, em seu currículo e no papel do professor. É preciso repensar a escola como um todo, adaptando-a às novas tecnologias e às

novas formas de subjetividade, para que ela possa continuar cumprindo seu papel fundamental na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A escola do século XXI precisa ser um espaço de acolhimento, de diálogo, de criatividade e de construção de conhecimento, onde os jovens possam se sentir valorizados, respeitados e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Para alcançar esse objetivo, é fundamental que a escola trabalhe em parceria com as famílias, com a comunidade e com outros atores sociais, criando uma rede de apoio e proteção para os jovens. É preciso acreditar no potencial dos jovens, oferecendo-lhes oportunidades para se desenvolverem plenamente e para se tornarem os protagonistas de suas próprias histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, exploramos a complexa e multifacetada relação entre a escola, as tecnologias digitais e as transformações nas subjetividades mundaneas, tendo como guia as perspicazes reflexões de Paula Sibilia. Percorremos um caminho que nos permitiu compreender a escola como uma "tecnologia em desuso", confrontada com a incompatibilidade entre suas estruturas tradicionais e as novas formas de ser e de aprender dos jovens da era digital. Analisamos a "vivência na vitrine" impulsionada pelas redes sociais e seus impactos na autoestima, na ansiedade e na busca por reconhecimento. Mergulhamos nas nuances da transição da subjetividade intro-dirigida para a alter-dirigida, compreendendo como a conexão e a visibilidade se tornaram valores centrais na cultura corrente.

Reafirmamos, assim, a importância das análises de Paula Sibilia para a compreensão dos desafios que se impõem à escola no século XXI. Suas reflexões nos alertam para a necessidade de repensar a instituição escolar, adaptando-a às novas tecnologias e às novas formas de subjetividade, sem perder de vista seus valores e objetivos fundamentais.

Nessa direção, cabe refletir sobre a Lei nº 15.100/2025, de 13 de janeiro de 2025, que restringe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive telefones celulares, nas escolas, com o objetivo de salvaguardar a saúde mental, física e psíquica das crianças e adolescentes. Isso nos leva a pensar sobre a forma como esses recursos têm sido, ou não, aproveitados para o trabalho pedagógico. Será que a restrição seria o melhor caminho para chegarmos ao modelo de escola e à formação de sujeitos que salientamos ao longo do presente texto? Ou o melhor seria pensarmos em formas e modelos de agregar o uso dessas ferramentas nas práticas pedagógicas do contexto escolar?

É importante ressaltar, que apesar da restrição sinalizada na lei, a mesma, em seu Artigo 2º e inciso 1º, destaca que “Em sala de aula, o uso de aparelhos eletrônicos é permitido para fins

estritamente pedagógicos ou didáticos, conforme orientação dos profissionais de educação.”. Diante disso, o mais adequado seria refletirmos sobre as estratégias de ensino que estão sendo utilizadas no uso desses recursos, buscando colocar as tecnologias digitais como instrumentos colaborativos do processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, utilizar a própria ferramenta como meio de reflexão e análise da degradação da saúde mental, física e psíquica dos próprios estudantes, que pode ser acarretada pelo mal uso das referidas tecnologias. Com isso, os estudantes se tornariam sujeitos críticos no uso desses próprios recursos, possibilitando uma reflexão sobre as formas adequadas de utilização.

Com base no que foi exposto, as análises propostas nos levam a questionar as premissas e os modelos que sustentam a escola tradicional, incentivando-nos a procurar alternativas que promovam a valorização da diversidade, da criatividade e da autonomia dos alunos. Suas reflexões nos alertam para os riscos da "vivência na vitrine" e para a necessidade de promover a reflexão crítica sobre o uso das redes sociais, ajudando os jovens a desenvolverem uma autoestima mais sólida e independente da aprovação externa. As reflexões de Paula Sibilia nos oferecem um mapa para navegarmos no complexo território da educação na era digital, guiando-nos na busca por uma escola mais relevante, conectada e transformadora.

FINANCIAMENTO

Esse artigo é resultante das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Universidade de Pernambuco (UPE) *campus de Petrolina* (PE) e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Edital 10/2024.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Beneditto Vecchi; Tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Tradução de: Joana D'Avila Melo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social: o cavalo de Troia da educação**. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Álvaro Hypolito. – Porto Alegre : Penso, 2013.
- SIBILIA, P. **La intimidad como espectáculo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2008.
- SIBILIA, P. **A escola no mundo hiper-conectado**: redes em vez de muros?. MATRIZes, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 195-211, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/38333>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2025
- SIBILIA, P. **¿Redes o paredes?**: la escuela en tiempos de dispersión. Buenos Aires: Tinta Fresca, 2012.